

915

PÈGADAS  
NO  
CAMINHO



BRAGA • 1976

S

4.3



UNIVERSIDADE DO MINHO	
4508	
16-7-1976	B.G.U.M.

Biblioteca Lúcio  
Craveiro da Silva

388231  
2015-03-03







PÈGADAS  
NO  
CAMINHO





PÈGADAS  
NO  
CAMINHO



BRAGA • 1973





Pègadas, no caminho da vida, são momentos ricos que passaram e permanecem vivos como testemunhas da caminhada. Conservei apenas algumas, quase ao acaso; as outras, a maior parte, resolvi, bem ou mal, apagá-las. Fazer rimas não foi o meu ofício.

Pensei no entanto que recordaria melhor esses momentos que não podia esquecer inteiramente sem me empobrecer, conservando o rasto de algumas pègadas com maior interesse pessoal. Só para mim e para os meus amigos.

*Lúcio Craveiro da Silva*







## Manhã de Granada

*Manhã de Granada!*

*Chuva de rosas*

*num baile de cores sonoras*

*em esfolhada,*

*lembras a manhã repenicada*

*do nosso São João*

*com o garrido de romarias*

*cantares e procissão!*

*Nesta manhã eu sentia*

*um desejo tão grande de alegria*

*e burburinho*

*que fiz a festa sozinho!*

*A manhã floriu*

*sorriu*

*na doce palidez de quem desperta*

*de uma noite serena e confortante.*

*Num pico da montanha iluminada*

*o sol vivo*

*de pupila cintilante*

*dá à manhã alegre e chilreante*

*o matiz andaluz e excitante brilho*

*que inspira e supera*

*o pincel de Murilho!*

*Ao longe o mar se espalha  
em ondas inquietas e vermelhas  
quais ginetes guerreiros  
feridos em batalha.*

*Andam pelo ar palpitações de brisa  
que deslisa  
a despertar ramos  
e dar vida aos ninhos.*

*Mesmo a meu lado  
um botão de rosa japonesa  
abria a ponta descuidado  
ao despertar da natureza.*

*E uma rosa,*

*— que viva rosa!*

*numa ânsia incontida  
e misteriosa*

*abriu, espaireceu, falou, cantou  
agradeceu à vida!*

*Toda esta manhã desperta  
na crepitação incerta  
dum ideal indefinido,*

*— qual virgem de olhos longos  
interrogando a vida*

*num horizonte longínquo e pressentido.*

Que tal será o dia  
ó mar ensanguentado?  
Será como tu, pobre guerreiro,  
em vida amortalhado?  
Ó sol divino dourador  
que riquezas trarás à terra fecundada?  
Ó nuvens, quanta correria louca  
ao som da ventania inesperada!  
E tu, ó vida, rainha das manhãs,  
quando deixarás as sombras vãs  
das noites criminosas?  
Quando cantarás com a natureza  
o canto matinal das rosas?  
Não queiras a violência,  
não sejas como o mar  
que grita e brame  
cheio de sangue, loucura e veemência  
e se suicida em lutas intestinas;  
não sejas como as nuvens  
sempre agitadas, sempre peregrinas  
dum ideal flutuante.  
Sossega, aprende, ó vida humana,  
abre o teu peito ferido e gotejante  
aos afaços do sol abrasador  
e fecundante . . .

*Ó vida escuta a lição da madrugada!  
Amigo sol, divino pintor,  
cria riquezas na tela preparada!  
Não mais a cerração  
das noites tenebrosas.  
Sê vale e monte iluminado.  
Sê rosa e brisa, sê ideal.  
Adora a virgem matinal,  
trava com ela o teu noivado.*

Manhã na Serra Nevada. Granada, 1944.



## Encontro, num Presépio

*Oye hermano  
me envuelves en rumor de mariposas  
que van bailando celestial liturgia  
de una danza constante y majestuosa  
y rezando una oración  
te ocultas en cada rosa.*

*Fantasean las vidrieras  
ensueños de catedral  
y las luces de colores  
que matizan el rosal  
son tu corazón en flor  
igual que altar mayor  
en misa pontifical.*

*Con ideal risueño  
sigue por la vida  
pues estas vidrieras  
muertas quedarían  
si el corazón fuera  
como arbol florido  
pero aislado y triste  
sin canción de nidos.*

*Ve por la vida  
muy suavemente  
sencillamente  
como el perfume  
de una flor  
o como asciende  
dulce plegaria  
del corazón.*

*Que mejor que en los cedros de los montes  
se recoge el rocío  
en las humildes flores silenciosas . . .  
— Tus lágrimas, rocío del dolor,  
dulcemente se vuelquen en la rosa  
en que duerme mi amor.*

*Ve por la vida  
poniendo apenas  
en ella el alma  
muy levemente  
como en la danza  
majestuosa  
el ala blanca  
la mariposa.*

*Y sobre todas  
las vanidades  
tan sedutoras  
sereno pasa  
más rápido que un vuelo  
más ligero que gemido  
más breve que ilusión:  
como perfume  
como plegaria  
como un ensueño  
como una lágrima . . .*

Salamanca, 1945.



## Oração ao Crucifixo

*Olhei-te, ó meu Senhor . . .  
em teu olhar orvalhado  
eu sequei as minhas lágrimas,  
na Chaga aberta do lado  
esqueci as minhas dores.  
Nos teus braços estendidos  
confeiei minha tristeza,  
em teus lábios doloridos  
rezei a minha oração . . .*

*Libertaste-me de mim,  
Senhor do meu coração!*

*Mas em teus olhos de pranto,  
no teu corpo torturado,  
na tua Chaga patente,  
sofri misteriosamente  
dores de todos os olhos  
penas de todos os povos  
e mágoas de todo o mundo . . .*

*E num abraço de amigo  
ficámos numa só cruz:  
Tu morreste por mim  
e eu morro contigo . . .*

Salamanca, 1946 (adaptação).



I

Nocturno

*Nasceu tremente uma estrela  
no crepúsculo a pairar!  
tão depressa passou ela  
como o brilho de um olhar.*

*Por entre a dor da noite que caía  
despontou o luar  
mas a sua luz pálida e morena  
sem bulício  
já tem a cor da hóstia na patena  
prestes ao sacrifício!*

*Ainda tentei sozinho  
buscar a sombra de alguém  
que ficara no caminho  
mas encontrei-o deserto  
sem ninguém.*

*E a luz da estrela e o brilho do luar  
afundaram-se na noite  
como náufragos no mar.*

Braga, 1953.





## II

### Matinal

*O mar inquieto ondeia em sobressaltos  
como um remorso incontido  
numa luta vã  
e lança de si rebrilhos que reflectem  
a mensagem da manhã.*

*Erguem-se sombras desfiguradas  
no caminho antes deserto  
e desponta em meu olhar  
a martirizada alegria  
de esperar  
paisagens virginais da luz do dia.*

*E o eco matinal  
de novos passos perdidos  
que regressam  
reflecte os silêncios da saudade  
de martírios escondidos.*

São Romão do Neiva, 1954.



## Luar de Sintra

*Noite de estrelas  
em oração . . .  
Um raio de luar  
como seta de amor e alegria  
surge no olhar  
e crava-se no coração.*

*Paisagem de Sintra  
— a Sintra senhoril e rendilhada,  
trono da fada encantada  
no mistério do luar  
desta noite enamorada.*

*E a fada aparecida  
no raio de luar  
domina o horizonte  
a sonhar!*

Rodízio, Colares, 1963.







## À Serra da Estrela

*A Serra da Estrela é alta  
da altura do olhar:  
Vê-se a Serra a subir  
nunca se vê acabar . . .*

*És alta como um olhar  
funda como um coração,  
e a minha vida passou  
fez de ti habitação.*

*Ai Serra que me caiste  
dentro do meu coração.  
Não pensei que a Serra alta  
tivesse tal dimensão.*

*Ó minha Serra da Estrela  
Ó Serra da minha sorte,  
dá-me a Estrela para a vida  
dá-me a Serra para a morte.*

Covilhã, 1963.





## Como o Adamastor

*Amo-te ó mar  
porque rodeias de glória  
o grande Rochedo altivo!  
São tuas ondas furiosas  
que fazem dele um abrigo!  
Tua vastidão de mar  
incerto e ameaçador  
leva o navegante a amar  
a rocha do . . . Adamastor!  
Amo-te ó mar  
pois tu fizeste  
do rochedo uma guarida  
no furacão da minha vida  
. . . no mar do meu coração.*

Braga, 1964.



## O Sonho

*Era noite tranquila  
vulgar  
brilhavam as luzes da cidade  
desenhando contornos escuros  
a dormir.*  
*Mas minha alma emerge da paisagem  
começa a sonhar  
e uma noite clara como o dia  
ardia  
num longo abraço de luar.  
Há no coração estrelas cintilantes  
há no olhar contornos definidos  
andam no ar respirações arfantes  
íntimos gemidos  
interrogantes  
e ágeis dedos buscando realidade  
a esta vida interior em mim.  
A noite é mentira  
O sonho é verdade  
Sim!*

Roma, 1966.



## Desilusão

Primeira aragem quente do verão

*Foi um toque muito leve  
Uma aragem que passou  
Vinha quente como o lume  
E todo o jardim queimou.*

*Foi um toque muito leve  
Mas foi um toque sem fim:  
Jardim de flores esfolhadas  
Que ficaram sempre assim.*

*Foi um toque muito leve  
Um bater de corações  
Foi um despertar de sonhos  
Num canteiro de ilusões.*

Évora, 1967.









## O Livro

*Toma o teu Livro  
cuidadosamente  
como quem afaça um tesouro.  
Inclina-te contente  
e abre o segredo de oiro  
das laudas vigilantes:  
ardem como um coração  
fixam como um olhar  
abrem-se como uns lábios  
que segredam uma oração.  
Toma o teu Livro  
que te ensina a Vida  
com um abraço de irmão.*

Braga, 1967.



## Anacoreta

*Amo a solidão  
com duas estrelas  
um sorriso  
e o céu por tecto da habitação!  
Fora com festas, bagatelas  
e ruídos!  
Fora com curiosos intrometidos!  
Contemplo o bem-me-quer das flores  
oiço o diálogo das brisas  
sinto-me feliz sem arredores  
só com o silêncio amigo  
e o bater do coração!  
Duas estrelas e um sorriso  
e para tudo o mais . . . a solidão.*

Braga.







## Senhor!

*Senhor! ouvi a Tua voz  
porque me chamaste.  
Vós gostais de chamar . . .*

*Chamaste outrora Abraão,  
Moisés, David, os Profetas . . .  
os Apóstolos, um a um, Paulo . . .  
e o Teu chamamento continua,  
através dos tempos,  
no mistério da Igreja!*

*Chamaste aqueles homens grandes  
e aqueles grandes santos,  
e chamas também os pequenos,  
os que não têm grandeza  
nem emprego.*

*Chamaste-me a mim . . .  
Chamaste-me, Senhor,  
e ouvi a Tua voz.  
Nunca mais a pude esquecer  
porque era íntima, penetrante,  
delicada, respeitosa.  
Era uma presença e um convite.  
Éreis Vós!*

*Chamaste-me, Senhor,  
e a Tua voz tinha uma força oculta  
como a força da brisa que impele as velas  
ou arrasta o pólen para fecundar as flores.*

*Senti, Senhor, a tua força,  
larguei tudo e parti.*

*Como Abraão  
deixei a casa de meus pais,  
a minha terra, a minha família . . .*

*E como Paulo  
deixei-me a mim, aos meus sonhos,  
ao meu coração, ao meu descanso.*

*Deixei tudo e parti,  
depois de cortar todas as amarras!  
A Tua voz tinha uma força oculta!*

*O barco que voga  
deixa ao menos um rasto,  
o homem que passa  
deixa ao menos as pègadas,  
o arado abre sequer um sulco . . .*



*Mas eu parti  
e não sei o que deixei para trás,  
a perder de vista,  
porque fiquei para sempre preso  
da voz com que me chamaste.*

*Parti, Senhor  
sem bagagem e sem dinheiro,  
sem plano e sem roteiro.  
Parti apenas ao som da Tua voz!*

*Obrigado, Senhor!*

*O teu chamamento fez-me participar  
na obra do crescimento do mundo,  
na edificação do Corpo de Cristo  
para glória de Deus!*

*Que importam os obstáculos e os fracassos,  
os atrasos e os contratempos,  
a morte e a vida!  
Tudo é nada e Vós sois Tudo . . .  
Estou ao teu serviço!*

*Desde então . . .*

*Desde então, Senhor,  
vivo para a Tua voz!*

*Desde então,*

*amo a incerteza  
e a insegurança,  
a aventura  
e a imprevidência,  
a pobreza  
e o despojamento!*

*Desde então, Senhor,*

*és o meu asilo  
e a minha defesa,  
o meu ninho  
e a minha certeza,  
a minha segurança  
e o meu provimento.*

*Desde então,*

*sou como as aves do Céu  
que não semeiam nem colhem!*

*Desde então,*

*sou como as crianças  
descuidadas e conřiantes!*

*Desde então,  
sou como o pobre  
liberto e sem cobiça!*

*Desde então,  
sou um perseguido  
porque vos perseguem a Vós!*

*De vez em quando, Senhor,  
estremeço e acordo . . .  
quando me assaltam as vozes seguras  
do dinheiro e do poder,  
as vozes confortáveis  
do carinho e do lar,  
as vozes razoáveis  
do sucesso e do aplauso,  
as vozes prudentes  
dos homens arrumados,  
as vozes sedutoras  
da vida guarnecida.*

*Sou pó e cinza, Senhor!  
As vezes caio ao assalto dessas vozes  
como o filho pródigo  
que se afasta da casa paterna,*

como a ovelha perdida  
pelos precipícios,  
como o servo infiel,  
como a virgem louca,  
como a semente  
que caiu na terra sáfara . . .

Mas tu és o meu Pai  
e o meu Pastor,  
e quando levanto os olhos arrependidos  
já antes o teu Coração me recolhia  
e perdoava;  
porque o teu Coração  
não é apenas um Palácio  
para os inocentes,  
é igualmente um Refúgio  
para os pecadores,  
um ninho  
para as aves cansadas e feridas!

Senhor,  
és a minha única esperança  
na dor e na alegria,  
na vida e na morte  
desde que ouvi a Tua voz.

Lisboa, 1962.

# Índice





Manhã de Granada . . . . .	9
Encontro, num Presépio . . . . .	13
Oração ao Crucifixo . . . . .	17
Nocturno . . . . .	19
Matinal . . . . .	21
Luar de Sintra . . . . .	23
À Serra da Estrela . . . . .	25
Como o Adamastor . . . . .	27
O Sonho . . . . .	29
Desilusão . . . . .	31
O Livro . . . . .	33
Anacoreta . . . . .	35
Senhor! . . . . .	37





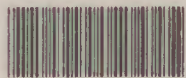


Este livro foi composto e impresso nas Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, Limitada, Braga. Iniciado aos V dias do mês de Maio, acabou de imprimir aos XII dias do mesmo mês do ano de 1976.





BLCS - BRAGA



388231

82